

A FEMINIZAÇÃO DO MAGISTÉRIO: ESTUDO DO PAPEL DA ESCOLA NORMAL DE FEIRA DE SANTANA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DO SERTÃO BAIANO

Letícia Cavalcante Lima Silva¹

Resumo: O presente projeto intitulado “A feminização do magistério: estudo do papel da escola normal de Feira de Santana na formação de professores do sertão baiano” é um estudo de natureza qualitativa de base documental, tendo como instrumento de coleta o inventário de arquivos bibliográficos para que se possa trata-los sob os cuidados da análise de conteúdo. O trabalho fará um inventário de como se deu o início da feminização no Brasil desde 1835 e denunciará a negação do direito educacional à mulher, assim como o perfil, métodos e currículos das escolas normais do Brasil, repercutindo na formação identitária das escolas dos séculos XX e XXI. Buscaremos suporte teórico em: Souza & Cruz (2012); Lima (2006); Louro (1997); Anjos (2018); Almeida (1998; 2018), entre outros.

Palavras-Chave: Escola. Feminização. Formação.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo descrever o trabalho de pesquisa desenvolvido no mestrado em Crítica Cultural com o tema A feminização do magistério: um estudo do papel da Escola Normal de Feira de Santana na formação de professores do sertão baiano trata-se de uma pesquisa de base qualitativa, que pretende através de um inventário bibliográfico com estudos de

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultura da Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Linguística, Literatura e Artes do Campus II Alagoinhas (BA); linha 2 Letramentos, Identidades e Formação de Educadores. Membro do Grupo de Pesquisa GEREL/CNPq e encontra-se sob a orientação da Professora Dra. Maria de Fátima Berenice da Cruz.

pesquisadores que se voltaram para esse tema, fazer um resgate discutindo o papel da instituição para a formação dos professores.

Para isso serão analisados artigos, dissertações, teses e livros organizados em torno da escola normal no Brasil, na sua origem no sentido de fazer um resgate da implantação da escola normal no Brasil. Depois da primeira escola normal da Bahia, e por fim da criação e funcionamento da Escola Normal de Feira de Santana, considerando a negação do direito educacional pelo qual as mulheres sofreram no Brasil.

A pesquisa se originou, ou melhor, o projeto se originou da observação, da presença majoritária das mulheres no ensino primário, incluindo a pesquisadora, daí investigar o modo pelo qual esse processo se originou a partir da Escola Normal de Feira de Santana, uma importante instituição da Bahia que fez parte, assim como muitas escolas normais no país do processo de feminização docente. É importante notar, que o lugar de onde estamos e as nossas vivências nos levam, nos motivam às investigações:

Portanto, embora seja uma prática teórica, a pesquisa vincula pensamento e ação. Ou seja, *nada pode ser intelectualmente um problema se não tiver sido, em primeiro lugar, um problema da vida prática*. As questões da investigação estão, portanto, relacionadas a interesses e circunstâncias socialmente condicionadas. São frutos de determinadas inserção no real, nele encontrando suas razões e seus objetivos (MINAYO, 2009, p. 17-18).

Assim, sendo professora e observando no cotidiano das reuniões e formações a presença das mulheres foi despertando as indagações de como esse fenômeno teria surgido, sob quais motivações, como as instituições contribuíram para esse movimento, assim como a sociedade. A pesquisa, pois não é solta, mas tem relação direta com o percurso de vida que venho traçando.

Para responder as essas perguntas optei por uma abordagem qualitativa, não por acaso, mas porque é uma abordagem voltada para realidades não quantificáveis, ou seja, onde os dados recolhidos e observados não serão tabulados, mas discutidos dentro de uma realidade observando as impressões, as minúcias pouco faladas ou percebidas a fim de discutir acontecimentos, no caso a formação dos professores do sertão na Escola Normal de Feira de Santana. Desse modo ao analisar os escritos dos pesquisadores já foi possível observar que muitos dados trazidos nos documentos oficiais, não se efetivavam nos depoimentos, e até mesmo nos discursos analisados, isso para evidenciar o quanto o trabalho de pesquisa possui aspectos qualitativos importantes, podendo mudar inclusive os resultados e as conclusões a que pode chegar o pesquisador:

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2009, p. 21-22).

Seguindo uma linha de raciocínio parecida, BODGAN (*apud* TRIVIÑOS, 1987, p. 128-130) elenca cinco características da pesquisa de abordagem qualitativa:

1°) A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como fonte direta dos dados e o pesquisador como instrumento-chave;

2°) A pesquisa qualitativa é descritiva;

3°) Os pesquisadores qualitativos estão preocupados com o processo e não simplesmente com os resultados e o produto;

4°) Os pesquisadores qualitativos tendem analisar seus dados indutivamente;

5°) O significado é a preocupação essencial na abordagem qualitativa [...]

Ao iniciar o trabalho da pesquisa bibliográfica, instrumento pelo qual foi possível organizar um inventário de informações e dados a serem usados para ir respondendo as questões norteadoras da pesquisa, fui percebendo o quanto a pesquisa qualitativa mobiliza inúmeros suportes, documentos, relatórios, jornais, entrevistas, objetos, imagens, fotografias dentre muitos outros no intuito de reconstruir as cenas e aos poucos (re)estruturar a dinâmica que ocorria em determinada época, assim os textos levantados na pesquisa bibliográfica formam o “universo de significados” da qual Minayo (2009) fala. E partindo desse universo foram possíveis encontrar razões pelas quais as coisas ocorrem do modo que ocorrem, e me ajuda a entender como se deu o processo de feminização do magistério e a participação da Escola Normal de Feira de Santana nesse processo.

A pesquisa bibliográfica como procedimento metodológico requer segundo Salvador (1996) (*apud*, LIMA; MIOTO, 2007) algumas fases, sendo elas: elaboração do projeto de pesquisa, a investigação das soluções, análise explicativa das soluções, e por fim a síntese integradora. Além disso, Lima; Mioto (2007) adverte para critérios que podem ser usados na coleta dos dados, nesse trabalho especificamente optou-se pelo parâmetro temático, onde se buscou as obras segundo temas afins, neste caso escola normal e correspondentes. A partir daí, a técnica utilizada foi à leitura, para Lima; Mioto (2007, p. 41):

[...] a leitura apresenta-se como a principal técnica, pois é através dela que se pode identificar as informações e os dados contidos no material selecionado, bem como verificar as relações existentes entre eles de modo a analisar a sua consistência.

A leitura é responsável por dá conta das fases da investigação das soluções, da análise explicativa das soluções e da síntese integradora. Ou seja, é a leitura que fará a seleção das obras, segundo o critério adotado, depois de selecionadas, faz a leitura exploratória-reflexiva-interpretativa, na busca das soluções e finalmente com a leitura é possível organizar a síntese integradora, ponto onde se organizam e se concretizam a escrita do trabalho, ou a construção do conhecimento, propriamente dita.

Como a pesquisa está inserida num programa de pesquisa pautado na Crítica Cultural, é importante não perder de vista esse direcionamento, inclusive no que diz respeito à metodologia utilizada. Para isso tomei como base os estudos das pesquisadoras Meyer e Paraíso (2012) que se dedicam a estudar o uso de metodologias que atendam as pesquisas pós-críticas, por estas se voltarem para temas marginalizados tanto pela sociedade quanto por alguns pesquisadores, no intuito de atender as demandas desse tipo de pesquisa, as mesmas se referem à metodologia das pesquisas pós-críticas como:

um certo modo de perguntar, de interrogar, de formular questões e de construir problemas de pesquisa que é articulado a um conjunto de procedimentos de coleta de informações — que, em congruência com a própria teorização, preferimos chamar de “produção” de informação — e de estratégias de descrição e análise (MEYER; PARAÍSO, 2012, p. 16).

Desse modo a pesquisa assume um caminho por onde o pesquisador vai ao encontro de várias informações ou dados de modo a construir um arcabouço capaz de responder as questões formuladas e no final produzir ao invés de conhecimento, o que denota algo pronto e acabado não sujeito as mudanças, informações, ou seja, algo que pode ser revisto, questionado e

verificado a qualquer momento, por qualquer pessoa, e não é considerado como verdade pronta.

Isso posto, tratei no próximo ponto o referencial teórico pesquisado para responder as questões feitas e me ajudar a construir o percurso de feminização do magistério no Brasil, mais especialmente na formação dos professores na Escola Normal de Feira de Santana.

REFERENCIAL TEÓRICO

Para responder as indagações norteadoras da pesquisa, alguns estudos foram selecionados, pois tratavam do percurso pelo qual passou o processo de feminização do magistério, assim trabalharei com Tanuri (2000), Villela (2000) analisando a primeira escola normal do Brasil. Em seguida analisarei Lima (2006), Anjos (2018), Sousa e Cruz (2012) para transcorrer sobre a Escola Normal da Bahia e sua participação na feminização docente. No que diz respeito à Escola Normal de Feira de Santana trago como aporte teórico os trabalhos de Sousa (2001), Sousa e Cruz (2012), Cruz (2004), Cruz e Ribeiro (2012). Além de evidenciar a negação do direito educacional às mulheres no Brasil até início do século XIX, quando foi decretado o Ato Adicional de 1827, criando as escolas de primeiras letras e determinando a frequência de meninos e meninas. A partir daí a necessidade de prover professores para atuar nessas escolas, motivou a criação de escolas normais em diversas províncias.

Mesmo com esse pequeno avanço na legislação, a luta de algumas mulheres pela educação feminina ainda era necessária, considerando que na prática pouco se cumpria. Isso mobilizou inúmeras mulheres a lutarem pela garantia desse direito, como a professora Nísia Floresta, uma mulher que depois de muito estudar nas várias viagens que fez ao exterior, traduziu em livros e no

trabalho como professora a necessidade de emancipação da mulher pela via da educação (DUARTE, 2010). Defendia a educação como meio pelo qual a mulher pudesse desempenhar melhor seus papéis de esposa e mãe, garantindo uma melhor educação para os seus filhos. Outras tantas mulheres, também lutaram pelo direito a educação, utilizavam a literatura, abriam revistas e jornais, se mobilizavam em torno de um direito para a melhoria de vida de toda a sociedade (DUARTE, 2003).

Atendendo a demanda de formação de professores, a primeira Escola Normal do Brasil foi criada pelo decreto de criação n. 10, em 1835, no Rio de Janeiro (TANURI, 2000). O decreto determinava a formação de professores para a instrução primária ensinando os princípios teóricos e práticos do Método Lancasteriano, atendendo aos interesses das camadas dirigentes, instruir de modo a garantir uma moral, e a adesão aos projetos da nação, assim:

O método lancasteriano procurava desenvolver principalmente os hábitos disciplinares de hierarquia e ordem, exercia um controle pela suavidade, uma vigilância sem punição física. Características que se encaixavam perfeitamente nos propósitos políticos do grupo conservador (VILLELA, 2000, p. 107).

De inspiração francesa esse método era a base do currículo, no qual se somavam as quatro operações, a língua nacional, elementos de geografia e moral cristã. Já se nota que a preocupação estava centrada na manutenção da ordem e das boas condutas, e pouco na formação intelectual do futuro professor.

No ano seguinte, foi criada a Escola Normal da Bahia, através da Lei n. 37, no seu texto já previa um curso especial para as mulheres. Foi a primeira escola normal do país a receber mulheres no início da implantação, as demais escolas recebiam apenas

homens (LIMA, 2006). A Escola Normal da Bahia representou para as mulheres naquele momento histórico a única via de formação intelectual e, também de formação profissional, permitindo as normalistas exercer uma profissão, adentrando no espaço público antes reservado apenas aos homens. O estudo de Anjos (2018) vai mostrar que em muitos momentos da história da instituição o poder público custeou as despesas para moças de famílias pouco favorecidas, garantindo as mesmas uma possibilidade de formação intelectual e profissional, e conseqüentemente uma forma de garantir uma fonte de renda. Ao longo da sua história, foi ocorrendo o processo de feminização do magistério uma vez que à medida que o tempo passava a matrícula de homens diminuía e a das mulheres aumentava (LIMA, 2006; ANJOS, 2018).

Partindo para o século XX, adentrarei na história da Escola Normal de Feira de Santana, criada em 1925, numa importante cidade do sertão baiano, Feira de Santana, polo comercial que oferecia diversos serviços a região, inclusive educacionais, foi escolhida para receber uma escola normal para atender a demanda de professores para educar o sertão. Nesse momento a maioria dos professores que atuavam nas escolas, eram leigos e por isso, era importante criar uma escola formando professores capacitados a atuarem na escolarização do sertão. A escola iniciou suas atividades em 1927 atendendo homens e mulheres da cidade e regiões vizinhas, e assim como nas demais escolas normais vivenciou o processo de feminização docente, a procura dos homens diminuiu ao passo que a das mulheres aumentava (SOUZA, 2001; CRUZ, 2004).

Todo esse processo de feminização do magistério foi ocorrendo mais ou menos nos mesmos moldes em outras províncias como aponta os estudos de Almeida (1998; 2011), ao analisar o processo de feminização ocorrido em São Paulo, destaca que para as mulheres o processo de entrada na docência

representou a possibilidade de conquistar outros direitos além da conquista profissional, o direito ao voto, a participação em lutas sindicais, entre outros. Do mesmo modo Louro (1997) ao analisar as questões de gênero aponta a importância da entrada das mulheres no magistério, extrapolando o exercício de uma profissão, mas sobretudo a abertura para a conquista de muitos outros direitos, antes negado às mulheres.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo desenvolvido no mestrado faz uma (re)construção do percurso pelo qual a feminização do magistério construiu no Brasil, passando pela negação do direito à educação das mulheres, até sua entrada nas escolas normais e abertura para a luta por outros direitos negados.

Depois de fazer essa reconstrução a pretensão é analisar o legado das escolas normais na formação de professoras dos séculos XX e XXI, considerando o processo de emancipação e sua profissionalização, bem como as contribuições desse percurso para as mudanças nos cursos de formação de hoje.

A pesquisa está encaminhada, mas não terminada, muitas mudanças, descobertas ainda podem ocorrer considerando a dinâmica do processo, mas a intenção é contribuir para a construção de uma memória da mulher brasileira e suas conquistas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Jane Soares de. *Mulher e educação: a paixão pelo possível*. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

ALMEIDA, Jane Soares de. Professoras virtuosas, mães educadas: retratos de mulheres em tempos da República Brasileira (séculos XIX/XX). In: *Revista HISTEDBR On-line*, Campinas, n.42, Jun., 2011.

ANJOS, Tiane Melo dos. *A Escola Normal e a feminização do magistério primário na Bahia entre 1842 a 1889*. 173 f. Dissertação de mestrado Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2018.

BLAY, Eva Alterman. Um caminho ainda em construção: a igualdade de oportunidades para as mulheres. In: *Revista USP*, [S. l.], n. 49, p. 82-97, 2001.

DUARTE, Constância Lima. Feminismo e Literatura: discurso e história. In: *O Eixo e a Roda*. p. 195-219, dez. 2003.

DUARTE, Constância Lima. *Nísia Floresta*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

LIMA, Marta Maria Leone. *Ingresso das mulheres no magistério da Bahia: o resgate de uma história*. 181 f. Tese (Doutorado) Universidade Federal da Bahia, Salvador-Ba, 2006.

SOUSA, Ione Celeste Jesus de; CRUZ, Antonio Roberto Seixas de (Org.). *Escolas Normais da Bahia: olhares e abordagens*. Feira de Santana: UEFS Editora, 2012.

SOUSA, Ione Celeste Jesus de. *Garotas tricolores, deusas fardadas: as normalistas em Feira de Santana, 1925 a 1945*. São Paulo: EDUC, 2001.

LIMA, Telma Cristina Sasso de; MIOTO, Regina Célia Tamaso. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. *Rev. Katál*. Florianópolis. v. 10, n. esp. 2007, p. 37-45.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves. (Org.). *Metodologias de pesquisa pós-críticas em educação*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

TANURI, Leonor Maria. História da formação de professores. In: *Revista Brasileira de Educação*, mai-ago, n. 14, p. 61-90, 2000.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. Três enfoques na pesquisa em ciências sociais: o positivismo, a fenomenologia e o marxismo. In: TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. *Introdução à pesquisa em ciências sociais*. São Paulo: Atlas, 1987. p. 31-79.

VILLELA, Heloísa. O mestre e a professora. In: TEIXEIRA, Eliane; FARIA FILHO, Luciano. (Org.). *500 anos de educação brasileira*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 95-134.